

A pesquisa em línguas indígenas brasileiras e seu efeito na sala de aula indígena: o caso da Sociolinguística

Paola Carvalho de Oliveira¹
 Antonio Almir Silva Gomes²
 Rafael Wendel Alves Pantoja³

RESUMO: No Brasil, ainda nos dias de hoje, são poucas as pesquisas sistemáticas e robustas cujo escopo seja a relação entre Sociolinguística e a sala de aula das escolas indígenas. Em pesquisas feitas em artigos e teses disponíveis na internet, encontramos, com alguma facilidade, materiais referentes a descrições de Línguas Indígenas – em seus aspectos morfossintáticos, fonético-fonológicos – à identidade indígena, à Educação Escolar Indígena, etc. Particularmente nos materiais referentes a descrições, quase sempre identificamos uma sessão destinada a aspectos sociolinguísticos. Ocorre que o escopo das mesmas sessões são informações relacionadas à quantidade de falantes, graus de bilinguismo, situação atual da língua de modo geral. Neste *squib*, procuramos pensar / questionar um pouco exatamente sobre a pesquisa sociolinguística e seus efeitos na sala de aula da escola indígena, temática ainda pouco explorada por pesquisadores das universidades brasileiras.

Palavras-chave: Sociolinguística. Educação Escolar Indígena. Professor. Pesquisa.

RESUME: Au Brésil, encore dans nos jours, on a très peu de recherches systématiques et robustes dont le but soit la relation entre la sociolinguistique et la salle de classe des écoles indigènes. Dans des recherches réalisées dans des articles et thèses disponibles sur l'internet, on trouve, presque facilement, des matériaux référents à descriptions des Langues Indigènes – dans ses aspects morphosyntaxique, phonétique-phonologiques – à l'identité indigène, à l'Éducation Scolaire Indigène, etc. Particulièrement dans des descriptions, c'est commun qu'on trouve une session destinée aux aspects sociolinguistiques. Mais l'objectif de cette session normalement sont des informations liées à la quantité de parlants, aux degrés de bilinguisme, situation actuelle de la langue d'une façon générale. Dans ce *squib*, nous cherchons réfléchir un peu exactement sur la recherche sociolinguistique et ses effets dans la salle de classe de l'école

¹ Graduanda do curso de Letras-Português/Francês da Universidade Federal do Amapá. Membro do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI-UNIFAP/CNPq). Tem interesse em tema voltados à morfossintaxe de línguas indígenas e à Sociolinguística e sua relação com o ensino de línguas. Contato: paolaoliveira605@gmail.com.

² Professor de Linguística no curso de Letras da Universidade Federal do Amapá e coordenador do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI-UNIFAP/CNPq). Contato: a2sg@bol.com.br.

³ Graduando do curso de Letras-Português/Inglês da Universidade Federal do Amapá. Membro do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI-UNIFAP/CNPq). Tem interesse em tema voltados à Sociolinguística e sua relação com o ensino de línguas. Contato: rafael_pantoja@live.com.

indigène, thématique encore peu exploitée par des chercheurs des universités brésiliennes.

Mots-clés: Sociolinguistique. Éducation Scolaire Indigène. Professeur. Recherche.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística, tal qual a concebemos hoje, dá seus passos mais sólidos a partir dos anos de 1960 nos Estados Unidos. Nesta área dos estudos linguísticos, concebe-se a língua atrelada invariavelmente a aspectos sociais. Tal concepção, no entanto, já é encontrada em período anterior à segunda metade do século XX. Meillet (1921, apud Calvet, 2002), por exemplo, considera a língua numa perspectiva social e evolutiva.

Do ponto de vista educacional, a concepção sociolinguística, bem como seus avanços recentes, constituem-se por demais importantes ao pensarmos a necessidade de avanços no ensino de língua capazes de substituir, sobretudo, práticas de ensino pautadas em metalinguagem por práticas de ensino que reflitam a língua em seu contexto e/ou necessidades de uso. Isso tem sido construído – ao menos tentativamente – no espaço da escola não indígena, onde, por exemplo, o tema da variação e mudança linguística tem-se tornado presente com alguma regularidade. Do mesmo modo, têm chegado a esta escola discussões referentes a heterogeneidade linguística e sua respectiva relação com questões de desigualdades sociais, etc.

O mesmo vigor encontrado na relação Sociolinguística e escola não indígena não se reflete na escola que atende às populações indígenas do Brasil⁴. Como dissemos no resumo deste *squib*, os trabalhos de base sociolinguística voltados às línguas indígenas brasileiras (LIBs) ainda são escassos e atrelados a uma dinâmica própria, a saber: informações sobre a quantidade de falantes, graus de bilinguismo, situação atual da língua de modo geral⁵. Braggio é, provavelmente, uma das autoras brasileiras que mais tem conseguido sintetizar a dinâmica em questão. Veja-se, para exemplo, Braggio (2003) que após se referir ao contato linguístico dos Avá-Canoeiro, apresenta a situação sociolinguística de dois grupos, os da Casa Alta – em que o Avá é a língua predominante – e os das Casas do Posto – em que o Português é a língua predominante; Braggio (1995), onde a autora trata da perda linguística entre populações indígenas da região central do Brasil. A dinâmica descrita aqui, na qual ainda prevalece a “descrição” de informações sobre a quantidade de falantes, graus de bilinguismo, situação atual da língua de modo geral, nos permite a questão seguinte: como

⁴ Essas escolas, amparadas na Lei n. 10.172, de 9 de janeiro de 2001, se constituem a partir de natureza própria, específica e diferenciada.

⁵ Importa salientar que essa lista de temas não é exaustiva. É possível que outros também possam ser encontrados. O que queremos com esta informação é tão somente ressaltar a prevalência destes três temas sobre outros igualmente possíveis e desejáveis para o trabalho com LIBs. Os mesmos trabalhos em questão são normalmente apresentados como capítulos de Teses e Dissertações depositas em universidades brasileiras ou internacionais cujos objetivos são majoritariamente aspectos da gramática das LIBs.

aproximar os avanços das pesquisas sociolinguísticas da sala de aula indígena? Essa questão constitui a seção seguinte deste *squib*. Importa ressaltar de antemão que respostas não serão dadas a esta pergunta, ao contrário, novas perguntas serão apresentadas. Pretendemos, com isso, suscitar discussões que possibilitem ampliar positivamente a relação da pesquisa sociolinguística aplicada à sala de aula indígena.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA INDÍGENA

A questão da perda linguística é uma permanente entre linguistas do mundo inteiro que trabalham com línguas minoritárias, já que iminente. O Brasil, com suas aproximadamente 150 línguas indígenas (cf. Moore, Galucio e Gabas, 2008), constitui-se hoje o país sul-americano com a maior diversidade linguística, nem por isso encontra-se imune à questão da perda linguística. Do total de LIBs, segundo Moore, Galucio e Gabas, *op. cit.*, “pelo menos 21%... estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações”. Esta não é, seguramente, uma realidade animadora sob qualquer perspectiva.

As escolas que atendem às populações indígenas têm muita responsabilidade sobre a realidade mencionada⁶, sobretudo porque suas atitudes têm um forte impacto sobre a saúde linguística. Diante disto, consideramos relevante ampliar o escopo dos trabalhos sociolinguísticos produzidos no Brasil para a sala de aula da escola indígena. Imaginamos aqui a necessidade de assim fazê-lo – de modo a “conversar” com o professor da escola indígena – a partir de pesquisas que discutam abertamente variação linguística entre populações pertencentes a mesmo grupo genético e falantes de uma mesma língua (Mebêngrokre falada nos estados do Pará e Mato Grosso, por exemplo), entre populações pertencentes a grupos genéticos distintos e falantes de uma mesma língua (Karipuna e Galibi-Marworno faladas no estado do Amapá, por exemplo). É necessário discutir no interior das escolas indígenas, com base nos pressupostos da Sociolinguística, o contato linguístico e seus efeitos sobre a própria língua – na fonética, na fonologia, na sintaxe, na pragmática de modo geral; os empréstimos; a questão do bilinguismo e o lugar de cada língua na sociedade em questão; as características (sócio-discursivas) da competência comunicativa nas línguas materna e adicional, etc. Para os casos onde há delimitação gramatical para falas masculinas e femininas – por exemplo, Kadiwéu, Souza, 2012; línguas Jê, Oliveira e Costa – é importante tratá-la atrelada a questões culturais, como fonte de conhecimento específica deste ou daquele povo. Esse tema pode ser utilizado, inclusive, na escola de populações indígenas que não o possuem como realidade linguística. Oportunidade ótima para discutir, dentre outros, interculturalidade.

⁶ Com esta afirmação não estamos atribuindo unicamente à escola indígena a responsabilidade sobre a preservação da língua ancestral deste ou daquele povo. Entendemos que tal responsabilidade incide sobre própria comunidade como um todo; seus interesses e ações relacionadas.

Ao pensarmos o conjunto de temas acima, temos duas certezas: o mesmo contribuirá (i) para a execução de aulas mais ricas de informação, de modo a “fugir” de práticas centradas em metalinguagem e, conseqüentemente, (ii) para pôr a língua (indígena/materna) em lugar de destaque frente às demais línguas presentes na realidade do povo atendido, já que a trata como um “tema” para além da gramática. A questão que se coloca diante de tudo isso é: como fazê-lo? Esta questão se desdobra em outras: onde se coloca o linguista? esse linguista se deve assumir “linguista aplicado”? qual o limite na relação entre o linguista, a sociolinguística e a sala de aula indígena? qual o papel da autonomia da população atendida frente à sistematização de seus próprios conhecimentos? quando e como as pesquisas sociolinguísticas devem chegar à sala de aula da escola indígena e falar diretamente com o professor?

Como o leitor pode observar, nos propomos neste *squib* a elencar um conjunto de perguntas para o qual ainda não temos um conjunto de respostas. Quiçá, talvez mais perguntas. Nosso interesse com isso é, antes de tudo, chamar a atenção para as enormes contribuições possíveis da Sociolinguística para o contexto da sala de aula da Educação Escolar Indígena e para a expectativa de que as mesmas contribuições não tardem a chegar. Linguistas / sociolinguístas, bom trabalho!

REFERÊNCIAS

- BRAGGIO, S. L. B. O papel de pesquisas sociolinguísticas em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu. *Liames*, v. 3, 2003, p. 113-133.
- BRAGGIO, S. L. B. Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena. *Revista do Museu Antropológico* 2(1), 2000a, 121-134.
- BRAGGIO, S. L. B. The sociolinguistic situation of native people of Central-Brazil: from trilingualism to language loss. *INTERAÇÃO Revista da Faculdade de Educação da UFG, Goiania*, v. 1/2, p. 123-146, 1995.
- CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editora, 2002.
- COSTA, R. D. C.; OLIVEIRA, C. C. de. A distinção entre a fala masculina e feminina em algumas línguas da família Jê. Disponível em <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pivic/trabalhos/RODRIANA%20DIAS%20COELHO%20COSTA.pdf>. Acesso em junho de 2014.
- SOUZA, L. M. A. de. *Descrição da fala masculina e da fala feminina na língua Kadiwéu*. Dissertação de Mestrado. UFMS, 2012.